

Um experimento em crítica literária por Clive Staples Lewis

An experiment in criticism by Clive Staples Lewis

Talita Ferreira de Souza Brito¹

O escritor irlandês Clive Staples Lewis, popularmente conhecido como C.S. Lewis, tornou-se um dos autores mais influentes do século XX. Sua bibliografia é extensa e diversa, composta de ensaios, poemas, literatura infanto-juvenil, autobiografia, entre outros gêneros de ficção e não ficção. Os principais assuntos abordados em seus textos são literatura medieval e renascentista, mitologia, temas cristãos e as suas próprias experiências de vida. As obras de Lewis mais conhecidas atualmente são *As Crônicas de Nárnia*, uma coleção de sete romances do gênero fantasia, que já foi adaptada total ou parcialmente, para o rádio, televisão e cinema.

Além de escritor, Lewis também foi um palestrante eloquente, professor universitário e crítico de literatura. Como preletor, tornou-se conhecido por suas longas exposições transmitidas pela Rádio BBC durante a II Guerra Mundial. No trabalho docente, atuou nas renomadas Universidades de Oxford (Magdalen College) e de Cambridge (Magdalene College), onde, nesta última, conheceu o professor e também escritor J. R. R. Tolkien, de quem tornou-se grande amigo. Como crítico, Lewis levantou algumas questões de ordem filosófica e literária em alguns ensaios, sendo o livro *An Experiment in Criticism*, publicado em 1961 pela HapperCollins, o seu trabalho de destaque nessa área.

Logo no início da obra, o autor declara que o seu objetivo é propor um experimento que consistiria na inversão do paradigma estabelecido pela crítica literária de avaliar somente os livros para então rotular os leitores em bons ou maus com base em suas escolhas literárias. No lugar disso, ele sugere que a crítica se volte em primeiro lugar para os próprios leitores e a forma como leem no sentido de descobrir, por meio desse “experimento”, até onde seria possível classificar livros a partir dessa nova perspectiva.

An Experiment in Criticism ganhou duas traduções para o português: a primeira, intitulada *Um Experimento na Crítica Literária*, foi escrita por João Luís Ceccantini e publicada em 2009 pela Editora Unesp; a segunda, de Carlos Caldas, foi lançada em 2019 pela Thomas Nelson. Nesta última, o tradutor escolheu usar no título a preposição “em” ao invés da contração “na”, ficando este como *Um Experimento em Crítica Literária*. Carlos Ribeiro Caldas Filho é tradutor de outras obras

¹Universidade Federal do Ceará, egressa/mestre em Estudos da Tradução pela POET-UFC, <https://www.google.com.br/https://orcid.org/0009-0003-1157-4480/>, E-mail: talita.fsbrito90@gmail.com.

do mesmo autor, como *Trilogia Cósmica* e *O assunto do Céu*. Atua também como professor na pós-graduação de Ciências da Religião pela PUC de Minas Gerais e como pesquisador, se destacando em assuntos como teologia, literatura e cultura, temas esses que dialogam claramente com as obras de Lewis.

Um Experimento em Crítica Literária é dividido em 11 capítulos identificados por número e nome, além de possuir um epílogo e um apêndice. Logo no início, antes do texto principal, há uma nota curta fornecida pela Thomas Nelson sobre a vida e obra de Lewis, presente também em outros livros do autor publicados pela editora. Com relação aos títulos dos capítulos, Caldas opta pela tradução mais próxima ao texto-fonte, disponibilizando, porém, um número maior de notas de rodapé ao fim de cada seção, sendo algumas tradutórias e outras informativas.

A primeira seção, “Os muitos e os poucos”, funciona como uma introdução, por meio da qual Lewis faz uma distinção entre o grupo dos literatos (os poucos) e o dos não literatos (os muitos). Longe de qualquer preconceção infundada, o que o autor faz é expor o parecer de que o primeiro grupo é formado por pessoas que realmente gostam da leitura por si só, deixando claro que não há barreiras intransponíveis entre os muitos e o os poucos. No texto-fonte, as palavras empregadas são *literary* e *unliterary* (p. 9), sendo assim, a escolha de Caldas parece mais simples do que a feita na tradução de Ceccantini, onde os termos “letrados literariamente” e “iletrados literariamente”, embora adequados, soam autoexplicativos demais. No original, há também uma distinção entre as expressões *likes* e *has a taste for* (p. 8), que designariam atitudes diferentes diante da leitura. Apesar dos termos em inglês serem frequentemente traduzidos da mesma forma para o português, Caldas produziu uma distinção mediante o uso dos vocábulos “gosto” e “preferência” (p. 6), o que fez jus à intenção do autor.

Em “Falsas caracterizações”, Lewis trabalha mais especificamente nas características que são atribuídas erroneamente aos grupos apontados no primeiro capítulo. Ele declara que os críticos acusam “os muitos” de serem desajustados por completo em suas vidas e sugerem que até mesmo a literatura que o grupo consome possui algum problema de ordem moral, quando, na verdade, as habilidades dos poucos nem sempre são fruto de alguma virtude; alguns desenvolveram-nas por obrigação do ofício ou em busca de status. Ao final de sua exposição, Lewis provoca o leitor, a quem sempre se reporta como literato: “sabemos alguma coisa a respeito da experiência dos muitos não apenas por observação, mas por experiência própria” (p. 16).

Tirando um pouco o olhar dos livros, o autor volta-se para outras artes no capítulo “Como os poucos e os muitos fazem uso de imagem e música”. Ele fala sobre os que, de um lado, usam as imagens, e, do outro, sobre os que as recebem. A verdadeira apreciação consistiria em, deixando de lado os nossos preconceitos e interesses, abrir espaço para a imagem, não a tornando apenas veículo

da nossa subjetividade. De forma semelhante, “como a primeira exigência da pintura é ‘olhe’, a primeira exigência da música é ‘ouça’” (p. 25, grifo do autor).

Em “A leitura dos não literatos”, o autor apresenta alguns pontos que caracterizam a forma como os “muitos” lidam com essa atividade. Eles nunca leem qualquer coisa que não seja narrativa, e, de preferência, que seja notícia. Do texto exigem, ainda, que seja rápido e com o mínimo de elementos verbais, nunca dando também a devida atenção a qualquer som que possa soar-lhes estranho, leem apenas com os olhos. Lewis continua: o não literato quer apenas o acontecimento, qualquer coisa que o escritor tente construir de uma forma que não seja um “ clichê ” é dar ao leitor aquilo que ele não quer; “é como tentar vender algo que para ele não tem serventia por um preço que não quer pagar” (p. 33).

Na seção “A respeito do mito”, Lewis declara que manifestações míticas se apresentam como um elemento extraliterário, não dependendo de artefatos narrativos. Aquilo que capturamos sobre o mito é apenas a ponta do iceberg, a parte submersa desperta um desejo genuíno pela investigação. Essas e outras asserções feitas pelo autor ao longo do capítulo constroem uma bela imagem que parece encaixar-se com aquilo que sentimos quando lemos uma boa história. Em “Os significados de fantasia”, por seu turno, Lewis apresenta alguns possíveis sentidos para o termo, tais como a fantasia literária, que está presente em qualquer história que lide com o impossível e o sobrenatural, e a fantasia que se trata do livre exercício da imaginação, podendo essa última ser uma atividade egoísta ou não.

No capítulo “Sobre realismos”, Lewis estabelece a diferença entre “realismo representacional” e “realismo de conteúdo”. O primeiro diz respeito à forma como um assunto é apresentado e o segundo ao seu teor. Para o autor, a adoção ou não de qualquer um desses modos seria apenas uma questão de preferência. Com base nessa premissa, ele critica a postura que alguns assumem de acusar de forma de escapismo as histórias que não usam realismo de conteúdo. Depois ele parece considerar que todo e qualquer tipo de leitura é, de certa forma, um tipo de fuga: “isso acontece quando lemos história ou ciência não menos do que quando lemos obras de ficção. Toda fuga é da mesma coisa, da realidade imediata e concreta. A questão importante é para onde escapamos.” (p. 64). O autor fecha o capítulo censurando também a comum associação que é feita entre fantasia e infância. No texto-fonte, ele usa algumas expressões para tratar do assunto, como *childishness*, *infantilism*, *childish* e *infanlite* (p.67-68), que são traduzidas respectivamente como “infantilidade”, “infantilismo”, “infantil” e “pueril” (p.65-66). Os termos selecionados em português transmitem o mesmo sentido que as palavras em inglês, reforçando a ideia de que tais expressões são empregadas pela crítica de um modo pejorativo.

Em “Sobre a leitura equivocada dos literatos”, de forma curiosa, Lewis indica os defeitos de leitura do grupo que em capítulos anteriores ele havia destacado justamente por suas qualidades

literárias. No decorrer de seus comentários, ele vai deixando mais claro que, entre os literatos, alguns são melhores leitores do que outros. O equívoco dos últimos estaria em certas atitudes, como a de desconsiderar a essência estética de uma obra. O que procuram nos livros é uma espécie de conhecimento que lhes transmita verdades sobre a vida. Segundo o autor, é curioso também que os literatos estejam mais propensos a esse defeito do que os não literatos, pois, ainda que boa parte destes últimos se interesse por uma ficção mais realista, não esperam dela nada mais do que puro entretenimento.

Para tentar apresentar de uma forma mais clara o tipo de leitura que está criticando, no capítulo “Levantamento”, Lewis retoma alguns dos pontos discutidos em sessões anteriores. Ele declara não ser contra a ideia da leitura como forma de entretenimento, o problema real residiria no fato de maus leitores rejeitarem qualquer coisa de um livro que não se reduza à mera distração. Ele também censura julgamentos precipitados e lamenta que o hábito de ir avaliando à medida que vamos lendo nos impeça de fazer uma recepção completa, pois “a condição necessária para toda boa leitura é ‘tirarmos nós mesmos do caminho’” (p. 85, grifo do autor).

No capítulo “Poesia”, como o próprio título já antecipa, Lewis dispensa atenção a esse tipo de arte que, segundo ele, ocupa um lugar muito pequeno até mesmo na vida dos literatos. Ele parece reprovar a tendência de seu tempo de produzir criações poéticas cada vez mais desconexas de qualquer lógica e significado. A poesia moderna havia se tornado mais “pura” do qualquer outra que já tivesse existido, contudo, como o autor indica, de uma forma negativa, uma vez que, além de fazer o que a prosa não podia, ela se privaria de fazer também o que essa última podia. Em consequência de tudo isso, haveria um número cada vez menor de leitores.

Em “Experimento”, Lewis reitera a proposta apresentada no início do ensaio. Ao longo dos capítulos anteriores, ele havia defendido a sua ideia de como a crítica poderia ser invertida, avaliando os tipos de leitura e leitores ao invés dos livros. Neste último, ele lança mão de mais alguns argumentos que se mostram bastante convincentes em comprovar a validade de seu “experimento”: “qualquer que seja o valor da literatura, só será real quando e onde bons leitores leiam. Livros em uma estante são literatura apenas em potencial.” (p. 95). Nessa perspectiva, o quadro delineado pelo autor tem foco na avaliação da leitura enquanto prática e não em acepções teóricas sobre determinada obra. Ainda nessa linha, ele afirma que gosto é, mais do que tudo, uma questão cronológica, assim avaliações centradas nas obras variam de acordo com a moda do momento, por outro lado, a distinção entre os modos de leitura e leitores são permanentes.

No epílogo, Lewis discorre sobre os motivos pelos quais a literatura deve ser valorizada. Ele conjectura sobre a existência de um valor estritamente literário, rediscute alguns termos já apresentados, tais como *poiema* (alguma coisa feita) e *logos* (alguma coisa dita) e as funções de significar e ser da obra literária. O autor apresenta algumas conclusões a respeito de tudo aquilo que

a literatura pode nos proporcionar: nela “[...] buscamos um crescimento do nosso ser. Queremos ser mais do que somos [...]. Queremos ver com outros olhos, imaginar com outras imaginações, sentir com outros corações, e com os nossos próprios também” (p. 120).

A parte final do livro é uma nota sobre Édipo², em que o autor usa a tragédia grega como exemplo comprobatório de uma das principais teses levantadas no ensaio: o que faz com que uma história como essa tenha sido escrita e faz com que ela continue valendo à pena ser lida é a própria atipicidade e improbabilidade de seus acontecimentos.

O método de Lewis nos convida a fazer crítica a partir da própria crítica, uma vez que o objeto de análise, ao invés do livro, passa a ser o próprio ato de leitura como processo subjetivo. Contudo, ao apresentar os diferentes tipos de leitores, ele também mostra como muitas dessas operações podem ser equivocadas, justificando dessa maneira a existência de tantos julgamentos ruins de obras que na verdade são boas. Mesmo pertencendo ao grupo dos literatos, o “crítico profissional”, não raro, incorre nesse tipo de erro.

A despeito dessas palavras e da divisão que faz sobre os tipos de leitores, o julgamento de Lewis não é inflexível, na medida em que afirma que esses grupos não estão separados em definitivo, muito pelo contrário, não é incomum que muitos passem de um lado para outro. Da mesma forma, os livros considerados de mau gosto precisam ser reexaminados: “sempre pode haver alguma coisa naquele livro que não conseguimos perceber [...] no meu sistema, condenar um livro desses é algo muito sério. Nossa condenação nunca pode ser definitiva. A questão deve sempre ser reaberta, e não há nenhum absurdo nisso” (p. 100).

Mais do que tudo, a proposta lançada por Lewis é direcionar a crítica literária à leitura como uma experiência individual e singular, em que cada leitor e cada novo ato de leitura são oportunidades para construir novas perspectivas que nos tirarão de algum “mundo minúsculo” (p. 122) no qual porventura possamos viver. Ainda que o primeiro impulso de alguém seja o de voltar-se para si mesmo, uma disposição secundária o fará “[...] sair do ser, corrigir seu provincianismo e curar sua solidão.” (p. 120). Por fim, considerando aspectos de tradução, cabe ainda ressaltar que *Um Experimento em Crítica Literária* deixará seus leitores satisfeitos, pois tanto expressa as intenções de Lewis de forma clara como detém marcas de estratégias tradutórias bem executadas. Aqueles que gostam do autor irlandês serão capazes de sentir o vigor de seu estilo argumentativo impresso em um texto fluido e de fácil compreensão.

² Personagem da mitologia grega que, sem saber, matou o próprio pai e se casou com a própria mãe.

REFERÊNCIAS

C.S. Lewis. **An Experiment in Criticism**. London: Cambridge University Press, 1961, 133p.

C.S. Lewis. **Um experimento em crítica literária**. Tradução de Carlos Caldas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, 140p.